



O JUDAÍSMO NA ALEMANHA HOJE

6 de março a 5 de junho 2005

Cientistas como Einstein e Freud, filósofos como Benjamin e Adorno, compositores como Mahler e Schoenberg e escritores como Heine, Kafka e Canetti são paradigmáticos para a dimensão sem par da contribuição de judeus de língua alemã à cultura universal. Para não poucos, a cultura ligada à língua alemã ou a sua identidade nacional não era menos importante que a judaica. Eles eram parte da Europa judaica, de uma cultura desenvolvida à custa de muito sofrimento, extraordinariamente criativa e multifacetada, cujo povo foi desalojado e quase que completamente exterminado pela Alemanha nazista.

Depois disso, poderia existir novamente algum dia amizade entre judeus e alemães? Hendrik van Dam, na época secretário-geral do Conselho Central dos Judeus na Alemanha, constatou em 1966: "Hoje a simbiose judaico-alemã transformou-se numa psicose judaico-alemã". E a ninguém causa admiração o resultado de uma enquete realizada em 1977, que revelou que apenas 10% dos cidadãos judeus do país tinham um sentimento de pátria em relação à Alemanha. Uma nova enquete, esta em 1990, apresentou um quadro muito diferente: dois terços da população judaica, apesar de integrados à sua cultura, viam-se "em primeiro lugar como alemães". Na mesma época, a população não-judaica do país mostrou-se entusiasmada com a exposição "Mundos de Vida Judaicos", uma transversal através da vida e trabalho judaicos ao longo dos séculos e nos continentes. Realizada em Berlim, no inverno de 1991-92, ela atraiu 350.000 visitantes, entre os quais centenas de classes escolares.

No meio tempo, a extinção do bloco soviético e da URSS foram decisivas para a transformação das pequenas comunidades judaicas na Alemanha, que viram crescer suas necessidades em virtude das correntes migratórias de judeus do Leste Europeu. Para Michael Brenner, professor de história e cultura judaicas na Universidade de Munique, a maior parte dos judeus na Alemanha planeja seu futuro no próprio país. "Após um longo período de dúvidas, hoje parece que eles podem fazer isto também sendo judeus. As condições institucionais para a vida judaica na Alemanha –da comunidade local ao Conselho Central, da Conferência dos Rabinos à Escola Superior de Estudos Judaicos, da escola judaica ao clube de aposentados– foram criadas nas primeiras cinco décadas de existência judaica no após-guerra. Nas próximas décadas, cabe preenche-la com vida nova".

"Em um novo espírito" também é o título, não por acaso, da exposição que documenta as novas construções de sinagogas do arquiteto frankfurtiano Alfred Jacoby. Que hoje, na Alemanha, judeus e não-judeus conciliam o interesse pela cultura judaica é muito bem expresso pelos concertos do Coro Sinagoga de Leipzig, atualmente integrado apenas por não-judeus. Uma mostra de sete filmes, entre ficcionais e documentários, oferece uma visão multifacetada de judeus na Alemanha. E a palestra de Andreas Nachama, ex-presidente da diretoria da comunidade judaica de Berlim, assim como o encontro com o arquiteto Alfred Jacoby, possibilitarão um retrato atual da cultura judaica na Alemanha e da sua nova vivacidade. É este o objetivo deste conjunto de eventos, organizado pela Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo, o Centro da Cultura Judaica, a Congregação Israelita Paulista, o Consulado Geral da República Federal da Alemanha e o Instituto Goethe São Paulo.

Em Um Novo Espírito - As Sinagogas de Alfred Jacoby

Exposição documentária do Museu Alemão de Arquitetura, Frankfurt

Curador: Mario Lorenz

Antes da Segunda Guerra Mundial, viviam na Alemanha por volta de 600 mil judeus. Finda a guerra, um novo início de vida judaica no país parecia impossível. Mas os cerca de 15 mil judeus que permaneceram na Alemanha fundaram novas comunidades, e a maior parte das sinagogas do período pós-1945 foram construídas nos anos 50 e 60, substituindo, em parte, as destruídas em 1938 na Noite de Cristal e durante a guerra.

Hoje vivem no país por volta de 100 mil judeus, em grande parte migrantes do Leste Europeu e da antiga União Soviética. Com mais de oitenta comunidades espalhadas pela Alemanha, a comunidade judaica alemã é a terceira maior da Europa, e a que mais cresce. Isto deu um novo impulso para a construção de novas casas de culto judaicas no país, o que vem acontecendo desde o final dos anos 80, principalmente com projetos do arquiteto frankfurtiano Alfred Jacoby, diretor do Dessau Institute of Architecture, Bauhaus Dessau.

Com sua linguagem de formas arquitetônicas, Jacoby busca novos caminhos na construção de sinagogas. Claros corpos geométricos juntam-se em um complexo arquitetônico que interage com as construções que a circundam. Poucos porém valiosos materiais marcam tanto as superfícies e a fachada quanto os espaços internos. Um dos focos do trabalho do arquiteto reside na encenação da luz. Vitrais artísticos e luminárias concebidas individualmente marcam cada um dos espaços. Com suas antecessoras da República de Weimar, as novas sinagogas de Jacoby têm em comum quando muito a cidade e a função: "Eu não construo sinagogas como réplicas de modelos históricos, destruídos pelos nazistas. Se assim fosse, a gente estaria fazendo de conta como se nada tivesse acontecido. As antigas comunidades desapareceram, em seu lugar surgiram novas. Isto também deve ser visível nas construções", explica o arquiteto, para quem suas obras são erigidas "em um novo espírito", fundamentado na esperança, na tolerância e no futuro.. As novas sinagogas irradiam auto-consciência e energia. Elas não se encontram num local retirado, e sim em ruas principais, marcando o cenário urbano. Para Jacoby, sua abertura para com o ambiente é especialmente importante: "Uma sinagoga é para mim um lugar de diálogo, diálogo consigo próprio, com Deus, mas também com o vizinho."

Concebida pelo Museu Alemão de Arquitetura, onde foi realizada com o patrocínio de Paul Spiegel, presidente do Conselho Central dos Judeus na Alemanha, a exposição "Em Um Novo Espírito" – As Sinagogas de Alfred Jacoby apresenta projetos e fotos das sete sinagogas construídas na Alemanha, em conjuntos arquitetônicos que incluem também centro comunitário: Darmstadt (1986-88), Heidelberg (1991-94), Aachen (1993-1995), Offenbach (1995-97, reconstrução e ampliação), Kassel (1997-00), Chemnitz (2000-02) e Colônia (2000-03, com lar para idosos, escola fundamental e jardim de infância), além de projetos de Jacoby para outras cinco sinagogas que concorreram em concursos: Duisburg (1996), Dresden (1998), Mainz (1999), Speyer (1999) e Munique (2001).

Nascido em 1950, na Alemanha, Jacoby cresceu na Inglaterra, onde em 1973 formou-se arquiteto pela Universidade de Cambridge. Nos quatro anos seguintes, estudou arquitetura na Universidade Técnica de Zurique. Em 1980, abriu seu próprio escritório, em Frankfurt. Desde 1993 Jacoby é membro permanente do Conselho do Patrimônio Histórico do Estado de Hessen, e em 2000 assumiu a direção do Dessau Institute of Architecture da Escola Superior Anhalt de Ciência Aplicada, Bauhaus Dessau.

6 de março a 16 de abril
Galeria de Arte "A Hebraica"

Rua Hungria, 1000 – Tel. 3818-8888
Terça a domingo – 9h às 21h

27 de abril a 5 de junho
Centro da Cultura Judaica

Rua Oscar Freire, 2500 – Tel. 3065-4333
Segunda a sexta – 10h às 21h
Sábado e domingo – 14h às 19h

Entrada franca

Sinagoga de Heidelberg, interior



Coro Sinagogal de Leipzig, Alemanha

Adelheid Vogel, soprano
 Helmut Klotz, tenor
 Jürgen Kurth, barítono
 Ulrich Vogel, teclado

Diretor artístico e regente: **Helmut Klotz**

O Coro Sinagogal de Leipzig, único de seu gênero na Europa, apresenta-se pela primeira vez em São Paulo, em dois concertos que integram o ciclo de eventos "O Judaísmo na Alemanha Hoje", e em outros dois organizados em conjunto com o Sesc São Paulo.

O Coro dedica-se à preservação de uma parte valiosa da herança da cultura judaica: o canto sinagogal dos séculos 19 e 20 e música folclórica iídiche e hebraica. Fundado em 1962 por Werner Sander, o então chazan da comunidade judaica de Leipzig e Dresden, o Coro Sinagogal de Leipzig, cujos membros são todos não-judeus, passou a ser dirigido dez anos mais tarde pelo tenor Helmut Klotz. O canto sinagogal provém principalmente de chazans da Europa Oriental, principalmente de Louis Lewandowski, Salomon Sulzer, Samuel Alman, Abraham Dunajewski, David Nowakowski, Mordechaj Zeira e Samuel Naumbourg. Correspondendo à tradição judaica e à praxis sinagogal, as composições são em sua maioria apresentadas com canto alternado entre o coro e o chazan, a cappella ou com acompanhamento de órgão ou piano. Já a música folclórica é apresentada em arranjos livres.

O Coro realiza anualmente 20 a 30 concertos na Alemanha, e apresenta-se regularmente em espaços como o Gewandhaus, em Leipzig, no Berliner Schauspielhaus, na Filarmônica de Berlim ou na Alte Oper de Frankfurt/Main, trabalhando com renomados solistas e orquestras. Apresentou-se em sinagogas na Polônia, Paris, Praga e Breslau e em vários festivais de música judaica, e anualmente participa do culto realizado na Thomaskirche, em Leipzig, em memória da Noite de Cristal. Em 1999/2000, participou da montagem internacional da monumental ópera de Kurt Weill "A Estrada da Promessa" ("Der Weg der Verheißung", 1935, libreto de Franz Werfel), apresentando-se em Chemnitz e em Nova York.

6 de março, domingo, às 18h

Sinagoga da Congregação Israelita Paulista

Rua Antonio Carlos, 653 – Tel. 3218-1299

Entrada franca

7 de março, segunda, às 13h

Sesc Carmo

Rua Roberto Simonsen, 22 – Tel. 3105-9121

Auditório Celso Garcia – Prédio Classes Laboriosas

Entrada franca

9 de março, quarta, às 20h

Sesc Santo André

Rua Tamarutaca, 302 – Tel. 4469-1200

Entrada franca

10 de março, quinta, às 20h30

Centro da Cultura Judaica

Rua Oscar Freire, 2500 – Tel. 3065-4333

Ingresso: 1 kg de alimento não perecível

interior





Supertex, 2003

Vida e Cultura Judaica no Cinema Alemão

Uma Cidade Sem Passado / Das schreckliche Mädchen

Alemanha, 1989. Cores, 92 min.

Direção e Roteiro: Michael Verhoeven. Fotografia: Axel de Roche. Montagem: Barbara Hennings. Música: Lydie Auvray, Mike Herting, Elmar Schloter, Billy Gorit. Elenco: Lena Stolze, Hans-Reinhard Müller, Monika Baumgartner, Elisabeth Bertram, Michael Gahr, Robert Giggenbach.

Depois de vencer um concurso europeu de redação e ser festejada na sua cidade, a fictícia Pfitzing, a estudante Sonja prepara-se para um novo trabalho, "A minha cidade natal durante o III Reich", no qual ela pretende focar a resistência de personalidades locais ao nazismo. Mas ela não consegue avançar com sua pesquisa. Testemunhas da época recusam-se a dar informações, o arquivo municipal não lhe dá acesso aos documentos e de repente a cidade toda parece colocar-se contra ela. Alguns anos mais tarde Sonja retoma a pesquisa, desta vez sem se deixar intimidar. Baseado em um fato acontecido em Passau (Baviera), no início dos anos 80, o filme levou o Urso de Prata de melhor diretor da Berlinale 1990.

O Ouro de Abraão / Abrahams Gold

Alemanha, 1990. Cores, 95 min.

Direção e Roteiro: Jörg Graser. Fotografia: Henning Stegmüller. Montagem: Helga Borsche. Elenco: Hanna Schygulla, Günther Maria Halmer, Daniela Schütz, Robert Dietl, Maria Singer.

Para realizar seu sonho de riqueza, o velho Hunziger, um antigo guarda de Auschwitz, viaja da Baviera à Polônia acompanhado de seu amigo Karl para recuperar uma caixa com dentes de ouro que ele próprio havia enterrado no campo de concentração. Com isso, ele desencadeia uma série de acontecimentos trágicos que envolvem várias pessoas de seu vilarejo, a começar por Karl, que descobre que na verdade é judeu e foi adotado pela empregada da família para salvá-lo da SS.

Inspirado numa história verdadeira contada pelo câmera Stegmüller ao diretor do filme. Grande Prêmio do Público do Festival de Cannes 1990.

Os Filhos de Bronstein / Bronsteins Kinder

Alemanha, 1990. Cores, 98 min.

Direção: Jerzy Kawalerowicz. Roteiro: Jurek Becker e Jerzy Kawalerowicz, baseado no romance homônimo de J. Becker. Fotografia: Henryk Jedynek, Witold Sobocinski. Montagem: Martina Krippendorf, Helga Olschewski. Música: Günther Fischer. Elenco: Matthias Paul, Armin Mueller-Stahl, Angela Winkler, Katharina Abt, Rolf Hoppe.

1973. Hans, 18 anos, não tem o menor interesse no passado do pai, ex-prisioneiro judeu em um campo de concentração. Até descobrir que o pai mantém prisioneiro numa cabana um antigo carcereiro do campo, para torturá-lo e fazê-lo confessar as atrocidades cometidas. Agora, Hans já não pode mais ignorar o trauma do pai, com o qual tem uma acirrada discussão sobre culpa e expiação, perdão e justiça com as próprias mãos.

Um Trauma, Um Lar. Vida Judaica na Alemanha

Ein Trauma, ein Zuhause. Jüdisches Leben in Deutschland

Alemanha, 2001. 30 min. (vídeo)

Direção e Roteiro: Walter Harrich, Danuta Harrich-Zandberg.

Existe de fato vida judaica na Alemanha de hoje? Sete pessoas, sete projetos de vida. O que as distingue é a sua origem. Vivem em lugares diferentes. São sete judeus na Alemanha. Todos lamentam a ausência da cultura judaica no cotidiano alemão, e todos tomam diferentes decisões.

Supertex – Uma Hora no Paraíso / Supertex – Eine Stunde im Paradies

Alemanha/Países Baixos, 2003. Cores, 95 min.

Direção: Jan Schütte. Roteiro: Richard Reitinger, Andrew Kazamia, Jan Schütte, baseado no romance homônimo de Leon de Winter. Fotografia: Edward Klosinski. Montagem: Renate Merck. Música: Zbigniew Preisner. Elenco: Stephen Mangan, Jan Declair, Maureen Lipman, Elliot Levey, Tracy-Ann Oberman, Ana Geislerová, Meital Barda.

Simon Breslauer, proprietário da maior rede de confecções populares da Holanda, conseguiu vencer na vida. Mesmo fazendo parte agora da burguesia e apesar da riqueza, o patriarca nunca esqueceu as suas origens, mantendo-se fiel à tradição judaica. Os filhos não têm como questionar a sua autoridade. Max se revolta e quer deixar a empresa. O irmão mais novo, Boy, se adapta aos desejos do pai. Mas um acidente trágico coloca os dois irmãos diante de difíceis decisões.

Minha Vida Parte 2 / Mein Leben Teil 2

Alemanha, 2003. Cores e P&B. 85 min.

Direção: Angelika Levi. Fotografia: Angelika Levi, Antje Schäfer, Markus Otto. Montagem: Angelika Levi. Música: Marta Monserrat.

Neste documentário Angelika Levi reconstrói a trajetória de vida de sua mãe, Ursula Becker, nascida Levi, criando um filme tanto pessoal quanto político sobre identidade alemã-judaica hoje, um filme que reflete sobre a possibilidade de uma "normalidade" alemã-judaica e sobre o posicionamento da segunda geração de sobreviventes na Alemanha, e que ao mesmo tempo é um portrait sobre uma mulher fascinante, que, com garra, humor e raiva sempre se decidiu pela vida. Ursula Levi e sua mãe sobreviveram à Segunda Guerra em Hamburgo, e pouco depois migraram para o Chile, onde Ursula se tornou botânica e a primeira ecóloga do país. Em 1957, ela retornou à Alemanha, onde em 1996 perdeu a luta contra o câncer. À sua filha Angelika ela legou um grande arquivo de fotos, diários, trabalhos científicos, cartas, filmes em super 8, artigos de jornais e protocolos gravados em fitas cassete.

Tudo Para Zucker! / Alles auf Zucker!

Alemanha, 2004. Cores, 90 min.

Direção: Dani Levy. Roteiro: Dani Levy, Holger Franke. Fotografia: Charly F. Koschnick. Montagem: Elena Bromund. Música: Niki Reiser. Elenco: Henry Hübchen, Hannelore Elsner, Udo Samel, Golda Tencer.

Comédia sobre uma família judaica contemporânea. Jaeckie Zucker, ex-repórter esportivo e jogador inveterado, está vivendo dias difíceis. Sua mulher o ameaça com divórcio e o oficial de justiça, com a cadeia, e sua única esperança é vencer um campeonato europeu de bilhar. Mas pouco antes do início do torneio sua mãe falece. E para ter direito à herança, o testamento da "Mamme" exige que ele se reconcilie com seu irmão Samuel, um judeu ortodoxo. Agora, Jaeckie só está preocupado com duas coisas: como escapar do velório da mãe, para poder ganhar o campeonato, e como dar o golpe em seu super-religioso irmão.

Prêmio Ernst Lubitsch 2005 do Clube dos Jornalistas de Cinema de Berlim.

5 a 10 de abril

Associação Brasileira A Hebraica de São Paulo

Teatro Arthur Rubinstein

Rua Hungria, 1000 – Tel. 3818-8800

Entrada franca

Os filmes são legendados em português. A grade de programação poderá ser confirmada nos endereços www.hebraica.org.br e www.goethe.de/saopaulo.

Comunidade Judaica na Alemanha Atual

Temas do simpósio são a vida judaica na Alemanha desde seus primórdios até o final da República de Weimar e seus múltiplos aspectos na Alemanha atual, onde nos últimos 15 anos a comunidade judaica praticamente quadruplicou, em virtude da corrente migratória do Leste Europeu e da ex-União Soviética: quão ortodoxas ou progressivas são estas novas comunidades? Qual a sua relação com o Estado alemão, como lidam com o extremismo de direita e com a permanentemente colocada questão do sionismo? Quão religiosa, quão assimilada, aberta ou retraída transcorre a vida judaica na Alemanha de hoje?

Palestrante: Andreas Nachama, Berlim Diretor da Fundação Topografia do Terror e escritor. Trabalha como editor nas áreas de história e judaísmo para o rádio, a televisão e a mídia impressa. De 1997 a 2001, foi presidente da diretoria da comunidade judaica de Berlim, cidade onde nasceu, em 1951. Andreas Nachama é também rabino, ordenado em 2000 pelo rabino Zalman Schachter-Shalomi, na Filadélfia.

Participação: Alfred Jacoby, Frankfurt Nascido em 1950, na Alemanha, Jacoby cresceu na Inglaterra, onde em 1973 formou-se arquiteto pela Universidade de Cambridge. Nos quatro anos seguintes, estudou arquitetura na Universidade Técnica de Zurique. Em 2000, assumiu a direção do Dessau Institute of Architecture da Escola Superior Anhalt de Ciência Aplicada, Bauhaus Dessau. Jacoby é um renomado construtor de sinagogas na Alemanha.

Debatedores: Luis S. Krausz, São Paulo Jornalista, mestre em Letras pela Universidade da Pensilvânia e pós-graduado pela Universidade de Zurique, é editor da Revista 18 e doutorando em Estudos Judaicos na Universidade de São Paulo. Colaborador do Museu Judaico de Berlim no projeto "Pátria no Exílio".

Márcio Seligmann-Silva, São Paulo Professor do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, fez doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade Livre de Berlim e pós-doutorado junto ao Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. De julho 2004 a fevereiro de 2005 foi visiting scholar na Universidade de Yale, EUA.

7 de março, segunda, às 20h
Congregação Israelita Paulista

Rua Antonio Carlos, 653 – Tel. 3218-1299
Entrada franca / Tradução simultânea

Espaços da Cultura Judaica na Arquitetura Recente

Encontro com os arquitetos Alfred Jacoby (Frankfurt) e Roberto Loeb (São Paulo)

Este encontro reúne pela primeira vez os arquitetos Roberto Loeb e Alfred Jacoby. A par de um grande número de projetos para obras de caráter comercial, o paulistano Roberto Loeb realiza também projetos para reforma ou construção de importantes centros culturais, como o Itaú Cultural e o Centro da Cultura Judaica, em São Paulo, e o Santander Cultural, em Porto Alegre. No exterior, participou de concursos para o centro Indira Gandhi National Center for Arts, na Índia, o Novo Museu de Acrópolis, em Atenas, e a Biblioteca de Alexandria, no Egito, entre outros. Na área social, o arquiteto trabalha em projetos como o Oficina Boracéa, com um projeto arquitetônico voltado ao atendimento de moradores em situação de rua da área central da capital paulista. Em 2004, foi premiado como Melhor Arquiteto Estrangeiro no Concurso Internacional de Criatividade, promovido pela União Nacional dos Arquitetos da Ucrânia.

Já Alfred Jacoby, o "construtor de sinagogas da Alemanha", acompanhou de perto como a comunidade judaica de seu país despertava para uma nova vida nas últimas décadas. Sua arquitetura reage de forma sensível e esteticamente soberana às múltiplas necessidades das diferentes comunidades judaicas em seu inesperado crescimento.

8 de março, terça, às 20h
Centro da Cultura Judaica

Rua Oscar Freire, 2500, tel. 3065-4333
Entrada franca / Tradução simultânea



Apoio



Deutsches Architektur Museum

